

# “A gente aqui não tem a noção do perigo”

DAVI SOARES  
REPÓRTER

Estudantes do sexto período do curso de Arquitetura e Urbanismo, Jhérsyka Barros Barreto, 21, e Hanna Cavalcante, 22, participavam tranquilamente de mais uma atividade de seu curso, na tarde de ontem, enquanto o Conselho Universitário da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) debatia, na reitoria do Campus A. C. Simões, soluções para o fim da greve de professores e alunos do Campus de Arapiraca, causada pela invasão de 15 furtivos do presídio Desembargador Luiz de Oliveira, há uma semana.

As estudantes recém-eleitas para o Diretório Acadêmico do curso receberam com naturalidade os questionamentos da Gazeta. Sem demonstrar grandes preocupações com os riscos que correm os estudantes no bloco mais próximo do Sistema Prisional, elas conversaram sobre como é conviver ao lado da maior concentração de detentos do Estado, sob o mesmo risco de invasão vivido pelo Campus de Arapiraca.

Para ambas, a solução do problema, com o aumento na segurança dos estudantes, não virá de medidas tomadas pela universidade. Mas dos gestores do sistema prisional, no governo do Estado.

**Gazeta. Como é conviver com esta proximidade de seu local de estudos com o Sistema Prisional?**

**Hanna Cavalcante** - Nosso curso funciona pela manhã e à tarde, no bloco de Arquitetura e Urbanismo. Quando chega às 19h, poucos estudantes de nosso curso estão por aqui. Mas funcionam outros cursos à noite. Então, à noite é mais tenso. Até porque, na semana passa-

da, teve fuga. O problema é que, aqui, a gente nunca é informado quando acontece essas coisas.

**E como chega essa informação?**

**Jhérsyka Barros Barreto** - A informação vem mais de fora. Alguém fica sabendo pelo noticiário, pela internet e avisa. Mas por alguém da própria segurança, não chega informação.

**Hanna** - Um pai sabe, liga para uma aluna na sala, avisa.

**Jhérsyka** - Normalmente, a gente não teve grandes problemas.

**Então, para vocês, a convivência com as notícias de fugas passou a ser natural?**

**Hanna** - Talvez a gente ainda não tenha assimilado o perigo desse presídio aqui. Até porque a Ufal é tão antiga...

**Vocês já tiveram de se proteger durante alguma fuga?**

**Jhérsyka** - Teve um sábado que a Hanna estava aqui e teve fuga.

**Hanna** - Foi logo no começo do curso, no primeiro ano. Era um sábado, por volta das 15h. Havia um grupo de alunos aqui. A gente viu uma pessoa correndo aqui por trás do bloco e a polícia atrás. Então a gente se escondeu na maquetaria.

**Jhérsyka** - Teve tiro, não foi?

**Hanna** - Foi. A gente escutou. Mas foi, tipo, dois, no máximo. Estávamos com o professor, ficamos trancados uns 40 minutos, esperando os seguranças. Naquela tensão, entre ver o cara correndo, se trancar e esperar os seguranças. Depois que eles chegaram, nos acompanharam até o estacionamento. Mas o furtivo não chegou a abordar a gente, nem entrar no bloco. Ele queria era fugir.

**Vocês sentem que a empresa de segurança atua de**

**forma satisfatória?**

**Jhérsyka** - Aqui tem sensor de movimento por toda parte. Têm câmeras. Eles sempre vêm. Às vezes aparecem como quem estão procurando por alguém. Mas é aquela coisa: se tiver alguém armado no campus, eles não têm como fazer nada, porque eles cuidam é do patrimônio.

**Quais os casos de violência que mais assustam vocês aqui na Ufal?**

**Jhérsyka** - Já teve uma vez que invadiram uma sala no Cedu [bloco do curso de Pedagogia], armados, roubaram computador na frente do pessoal, de professor e tudo, acho que no ano passado. De assalto maior que eu soube foi esse. Mas já teve caso de assaltante pedir o celular e insinuar que devolveria se a mulher fizesse sexo com ele.

**Vocês já sabiam que estudariam neste ambiente ao fazer o vestibular?**

**Hanna** - Eu fiquei sabendo na brincadeira. Porque me diziam: 'Ah, você vai estudar do lado de um presídio!'. Mas não me incomodei. Achei que fosse seguro. Não achei que fosse perigoso, não.

**Vocês ainda acham que é seguro?**

**Hanna** - Eu acho. Porque, a gente nunca sofreu nada. E quando dá umas 18h, os seguranças sempre chegam por aqui. E sempre tem, no mínimo, um segurança aqui pelo pátio, circulando por todas as salas. **Jhérsyka** - Não sei como é em Arapiraca. Mas aqui ainda tem uma rua, entre os muros da Ufal e do presídio. Até um tempo desse, aquele muro [entre a Ufal e o Sistema Prisional de Maceió] estava derrubado, porque teve uma enchente. Depois, voltou a ser como antes.

JHÉRSYKA  
BARRETO

HANNA  
CAVALCANTE

UNIVERSITÁRIAS

“Este projeto novo aí [de bloco para laboratórios], que está sendo construído, ele tem a parede à prova de bala. A gente ficou sabendo que é à prova de bala. E as novas construções provavelmente serão assim”

“A gente escutou [tiros]. Mas foi, tipo, dois, no máximo. Estávamos com o professor, ficamos trancados uns 40 minutos, esperando os seguranças. Depois que eles chegaram, nos acompanharam até o estacionamento. Mas o furtivo não chegou a abordar a gente, nem entrar no bloco. Ele queria mesmo era fugir”

**Em Arapiraca, houve tiros disparados em uma fuga de 15 presos. Vocês não temem que algo parecido aconteça aqui?**

**Hanna** - Pois é. Este projeto novo aí [de bloco para laboratórios], que está sendo construído, ele tem a parede à prova de bala. A gente ficou sabendo que é à prova de bala. E as novas construções, provavelmente serão assim. Já tem essa preocupação. Mas a gente... Não sei. Eu não consigo me preocupar muito com isso. Acho que é porque eu nunca vivenciei uma situação de perigo.

**Jhérsyka** - A gente fica preocupada quando a gente nota alguma coisa diferente. Por exemplo, quando os seguranças estão rondando os blocos com a aparência de preocupação, de que estão procurando alguém, desconfiados. A gente pensa: 'Será que tem algum problema aqui e eles não estão querendo nos falar?'.

**Hanna** - Mas nunca aconteceu de a gente sair da aula.

**Mas já houve suspensão de aula por conta disso?**

**Hanna** - Foi à noite. Nós estudamos à tarde. À noite, funcionam aqui as turmas de cursos que não têm salas de aula.

**Vocês acham que a reitoria da Ufal tem tomado medidas satisfatórias?**

**Hanna** - Acho que sim. **Jhérsyka** - Eu acho que nem depende muito da universidade. Acho que é mais uma questão de aumentar a segurança dos presídios, para não permitir as fugas.

**Hanna** - É tanta facilidade, não é?

**Jhérsyka** - É. Porque, aqui, acho que não há nenhuma outra medida a ser tomada. Porque tem seguranças, câmeras, os sensores de movimento... E colocar a polícia dentro da Ufal,

acho que não iria resolver o problema. Pelo contrário. Poderia ocasionar mais problemas como troca de tiros, balas perdidas. E haveria mais riscos. Se for pensar em colocar catraca na entrada para revisar quem entra, vai gerar problemas. Porque a universidade é pública.

**Hanna** - E os ônibus entram aqui.

**Como vocês vêm acompanhando a situação dos estudantes do Campus de Arapiraca?**

**Hanna** - Na verdade, eu só soube quando cheguei em casa e me falaram. Tem muitos trabalhos na faculdade. Mas confesso que não sei quantos ficaram feridos ou se morreu alguém.

**Jhérsyka** - Eu soube da troca de tiros. E acho que lá em Arapiraca já está um caso extremo mesmo. Ou muda a universidade ou muda o presídio. Porque essa não foi a primeira vez. Teve fuga no ano passado também. E foram 15 furtivos, com troca de tiros, colocando em risco a vida dos alunos. Ou tira o presídio de lá ou tira a universidade. Poderia transferir os presos para outro lugar, enquanto se constrói um outro em lugar mais distante.

**A quantidade de detentos de Arapiraca é menor do que o número de pessoas presas aqui neste Sistema Prisional de Maceió. Vocês não temem que aconteça algo bem maior do que houve em Arapiraca?**

**Hanna** - É como eu estava te dizendo. A gente aqui não tem a noção do perigo. Quando a gente está aqui, geralmente, vê os familiares fazendo visitas. Tem muito movimento. São crianças e mulheres. Não enxergamos um presídio, com presidiários. Aí você acha que não tem esse aspecto perigoso. ◻